



VoxPublica Entrevista a Mário Moutinho, director artístico do FITEI

“Não conheço ninguém que não esteja zangado com a câmara”

A dois dias da abertura da 31ª edição do FITEI, o director do festival explica que a vida continua difícil para quem programa no Porto

Ínês Nadais e Carla Marques

● Actor, produtor, realizador e encenador, Mário Moutinho é director artístico do FITEI desde 2005 e presidente da Plateia, a associação que tem liderado a contestação ao processo Rivoli. Há um ano abriu o FITEI com um discurso violento contra o poder local e central, que acusou de contrariarem a dinâmica natural da cidade. O que vai dizer depois de amanhã na abertura do FITEI?

Ainda não sei. Nem sei se aquele discurso foi violento: acho que disse algumas verdades que estavam a não ser ditas porque não dava jeito, ou porque tínhamos de ser simpáticos com os poderes. Estava na altura de alguém dizer que, além de não haver uma política cultural na cidade, há também um desinvestimento do poder central na Região Norte. É evidente que eu terei dito isto com alguma paixão - porque para fazer o FITEI é preciso uma grande paixão, e também uma grande dose de estoicismo. Montar um festival desta dimensão com os orçamentos que temos é muito complicado.

Este ano o FITEI tem um orçamento de 240 mil euros. Chega?

Não. Nós temos praticamente a mesma verba do Ministério da Cultura há dez anos: cobre 40 e tal, 50 por cento, do orçamento do festival. O resto resulta de apoios de mecenas ou de outras estruturas privadas - e ainda há apoios que não são contabilizados, serviços que nós não conseguimos prestar por empresas. Mas este orçamento é insuficiente para o festival que nós queremos fazer. Só é possível o FITEI apresentar-se, com menos espectáculos do que no ano passado mas com a mesma dignidade, o mesmo nível artístico e a mesma diversidade, porque estabelecemos um conjunto de parcerias com entidades da cidade. Já tínhamos um contacto privilegiado com o Teatro Nacional

S. João - que normalmente oferece o espectáculo de abertura e às vezes um outro, como é o caso este ano, apesar de também haver limitações orçamentais para aquelas bandas -, mas abrimos também a outras estruturas: Serralves, Casa da Música e Porto Lazer.

O que é que não pode fazer com estes 240 mil euros?

Não posso trazer companhias de grande dimensão. Um exemplo: vem uma companhia do Brasil, a Folias D'Arte, que traz 20 actores. Se eu não tivesse uma parceria com o Teatro Nacional D. Maria II, jamais poderia trazê-la. Só a viagem da cenografia chega a custar 25 mil dólares, e isto já com descontos das transportadoras. Com este orçamento, começa a ser incomportável trazer companhias da América Latina: se trazemos uma companhia do Brasil, já não trazemos uma da



Temos a mesma verba do Ministério da Cultura há dez anos: cobre 40 a 50 por cento do orçamento do festival.

Argentina. Isto limita obviamente este projecto de expressão ibérica.

O FITEI corre o risco de deixar de ser um festival de teatro de expressão ibérica para passar a ser um festival de teatro ibérico?

Não faz sentido mudar. Este festival nasceu de expressão ibérica, tem uma importância na divulgação do teatro de todo o mundo ibérico que ainda agora Espanha reconheceu, através do prémio Max que recebemos este ano.

2005 foi um ano complicado para as companhias do Porto, com o congelamento dos subsídios do Instituto das Artes. O teatro já se restabeleceu deste choque ou continua em choque?

Está numa onda de choques.



2005 foi realmente muito complicado, as estruturas estiveram praticamente um ano sem dinheiro, quase todas paralisaram - até a grande companhia do Porto, a Seiva Trupe, parou. Houve festivais que não se realizaram e o FITEI fez-se graças a um apoio bancário do BPI - obviamente, depois tivemos de pagar juros, e estas coisas reflectem-se nos anos seguintes. Mas as ondas de choque são sucessivas, porque já tinha havido o corte total de financiamento da Câmara Municipal do Porto (CMP) às estruturas culturais em 2002, em 2005 houve a providência cautelar e a falta de verbas, em 2006 perdemos o Rivoli. São machadadas sucessivas que se estão a dar ao teatro no Porto. **Nesse aspecto, continua zangado com a CMP?**

Não direi zangado, mas é evidente

“É preciso pensar que o desenvolvimento não se faz só contando os tostões que entram e que saem”.

“Além de não haver uma política cultural na cidade, há também um desinvestimento do poder central na Região Norte”.

Programação do 31º FITEI

Teatro de rua e uma actriz de Almodóvar

Vamos ao FITEI. Faz-nos uma visita guiada?

O FITEI deste ano tem uma componente muito importante de teatro de rua. Vamos apresentar três espectáculos que dão um ar de festa ao festival: um espectáculo na Casa da Música, Alma Candela (6ª, às 22h), um espectáculo na Baixa, Dinamáquia 2 (dia 6, à meia-noite), e outro no Serralves em Festa, Kamchatka (dias 7 e 8, às 16h).

Qual é a grande produção do FITEI este ano?

É a que vem do Brasil: a Oresteia, do Folias d'Arte. O grupo já cá esteve há dois anos, com o Oteló: uma encenação polémica, o que foi óptimo. O Teatro Carlos Alberto ficou irreconhecível, e este ano parece que vai acontecer o mesmo no Mosteiro de São Bento da Vitória. Mas eu chamava a atenção para outras programações interessantes. Por exemplo, temos a Antónia San Juan cá no Porto.

Uma actriz do Almodóvar...

Uma actriz do Almodóvar [foi a transexual Agradado de Tudo sobre a Minha Mãe], com um percurso curiosíssimo. Las que Faltaban é um solo: é ela sozinha em palco com uma cadeira, um espectáculo notável com um trabalho de

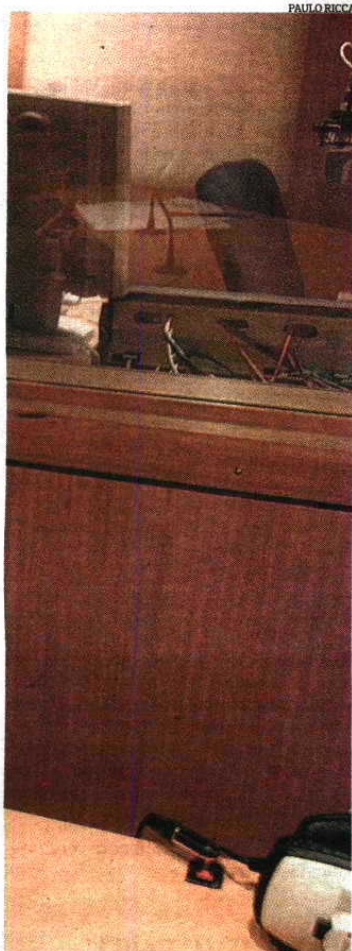
actriz fabuloso. Chamo também a atenção para uma jovem companhia galega, o NUT Teatro, que traz dois espectáculos muito diferentes: 448 Psicose, da Sarah Kane, e Corpos Disidentes, um espectáculo muito mais físico, mais ligado ao teatro-dança. É óbvio que quero referir a presença do Juan Mayorga, um dos grandes dramaturgos contemporâneos de Espanha, um homem da filosofia que tem escrito textos notáveis e que tem sido encenado regularmente pelos Artistas Unidos.

Este é o seu quarto festival como director artístico. É realmente o seu FITEI?

Não, este ainda não é o meu FITEI. Tenho obviamente o objectivo de fazer o festival com que sonhei. Este, até porque é um FITEI de contenção, é muito interessante do ponto de vista da programação, mas é ainda um anúncio do FITEI que eu quero fazer, se tiver condições.

Quanto custa um bilhete para o festival?

Em média custa 10 euros - mas eu lembro que uma assinatura de seis espectáculos custa 12,50 euros, o que significa que são seis espectáculos quase pelo preço de um.



que tenho divergências absolutas com a CMP. Não conheço ninguém da área artística que não esteja zangado com a CMP, porque não há uma política cultural na cidade e houve, durante muito tempo, uma ausência de diálogo absoluta. O anterior vereador negava-se a falar com as pessoas.

Também acha que o dr. Rui Rio devia ter entrado na corrida à liderança do PSD, para "desamparar a loja", como disse Rui Reininho...

Também me custa fazer mal a Portugal para aliviar o mal que se está a fazer ao Porto. Sou português, acima de tudo. Não sei se o dr. Rui Rio seria um bom gestor. É capaz de ser. O problema é que a governação de uma cidade não se faz só com contas de merceiro. Há valores humanos que é preciso preservar e dignificar, é preciso pensar nas novas gerações, é preciso pensar que o desenvolvimento não se faz só contando os tostões que entram e que saem.

Até que ponto é que esta gestão autárquica está a comprometer a dinâmica cultural da cidade e a sobrevivência dos agentes culturais na cidade?

Está tudo em risco. Há uma crise generalizada de todas as estruturas das artes cénicas. Mesmo as grandes companhias passaram a fazer espectáculos com dois actores, três actores. Há uma grave crise do tecido profissional das artes cénicas na cidade.

Batalha pelo Rivoli

"Nada está ainda perdido"

● O Rivoli é uma guerra perdida?

Não sei se é uma guerra perdida. Nada está perdido, mas também nada está ganho. É uma luta contínua. Acho que há desencanto em alguns dos meus colegas.

Ainda não se conhece o desfecho da acção principal movida pela Plateia. Têm esperança de ganhar a causa?

Os nossos argumentos são profundamente válidos, e acreditamos que o tribunal irá dar razão às nossas razões.

Acha que o Rivoli vai ser devolvido à cidade?

Alguma coisa terá de ser feita. Mas também acredito que a sentença saia a nosso favor e não se faça nada, ou que se arranje uma maneira de ficar tudo na mesma.

A solução terá de ser política?

Terá de ser fundamentalmente política, não tenho dúvidas disso. Na providência cautelar que perdemos procurávamos garantir também que o Rivoli não fosse entregue por contratos periódicos e que a situação se fosse eternizando – foi o que veio a acontecer, e nós adivinhámo-lo com meses de antecedência. Outro truque haverá se a sentença for a nosso favor, estamos conscientes disso. Mas também estamos conscientes de que não vamos ficar quietos, não vamos ficar parados.

O que é que o Porto tem perdido desde que o Rivoli foi entregue a Filipe La Féria?

Tem perdido aquilo que demorou muitos anos a conquistar: um lugar no mapa. O Rivoli tinha, apesar de limitações orçamentais, principalmente a partir de 2002, uma programação com alguns dos espectáculos de referência da Europa, nomeadamente da dança e do novo circo, mas também do teatro e da música.

Isso perdeu-se. Agora se quisermos ver espectáculos dessas áreas que sejam contemporâneos e significativos do que se faz na Europa temos de ir a Lisboa, a Guimarães, a Braga - ou a Vigo, Santiago de Compostela.

E o que é que o FITEI tem perdido por não ter o Rivoli à sua disposição?

Era o centro nevrálgico do festival, o local à volta do qual se organizavam as actividades.

O festival dispersou-se?

Dispersou-se. Há dois custos para o festival: um custo organizativo, porque andamos de mochila às costas, de sala em sala, e não temos um local que seja verdadeiramente o centro do festival, e um custo em termos de receitas de bilheteira, porque temos de pagar o aluguer, ou ceder parte das receitas aos teatros que utilizamos.

Este ano foi impossível regressar ao Rivoli?

O vereador propôs-nos, já no ano passado, regressarmos ao Rivoli



Os nossos argumentos são profundamente válidos, e acreditamos que o tribunal irá dar razão às nossas razões.

utilizando apenas o pequeno auditório, mas essa solução tem um inconveniente técnico fundamental: só é possível usar o pequeno auditório quando não estão a decorrer espectáculos ou ensaios na sala grande, porque a caixa de reverberação é a mesma. Registámos o gesto do senhor vereador, mas tecnicamente é impossível. Por outro lado, o Rivoli fazia sentido quando era o centro de tudo, o que não é possível havendo outros projectos em simultâneo.

Relações com a autarquia

Vereador da Cultura tem sido dialogante



Disse que o anterior vereador da Cultura se negava a falar com as pessoas. É o actual?

Sejamos justos: tem sido dialogante.

O FITEI tem relações com o vereador?

Sim. O vereador da Cultura propôs uma reunião no ano

passado para discutir os 30 anos do FITEI, e nessa altura é o próprio vereador que fala em retomar os espectáculos de rua no encerramento do festival e que acaba por patrocinar essa possibilidade. O diálogo restabeleceu-se, às vezes em pequenos pormenores importantíssimos – no nosso caso, com a CMP a voltar a assumir o transporte dos cenários, por exemplo. No ano em que a CMP cortou esse apoio, os transportes custaram ao FITEI 25 mil euros – o que, num orçamento de 240 mil, é muito significativo. E isso à CMP não tinha custado nada a não ser os gasóleos, porque nós pagamos as horas extraordinárias dos motoristas.